

RENATA ALVES

Depois de cinco menores serem executados este ano em unidades prisionais do Estado, de acordo com o Instituto da Criança e do Adolescente (Icaes), a coordenadora do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Jean Alves da Cunha (Cedejac), Carlita Cozende, avalia o sistema prisional no Estado e critica a sua estrutura.

Para ela, o que deveria ser uma unidade de recuperação de menores se tornou uma escola de criminosos.

Ela critica a proposta de redução da maioridade penal e afirma que nada mudará no País com a prisão de mais crianças e adolescentes.

“Acho que não vai mudar em nada. Alguns políticos que estão lançando campanhas para reduzir a idade penal estão querendo capitalizar votos da população”, disse.

A Tribuna – Como avalia o sistema prisional para o menor no Brasil?

Carlita Cozende – Eu sei que alguns adolescentes talvez não tenham recuperação. Mas muitos deles têm. O que precisam é de um sistema prisional que ofereça condições de ser recuperado. Mas, no Brasil, esse sistema é totalmente falido.

– Por que os meninos matam dentro da cadeia?

– Existe um código de honra entre os internos, que dita que determinados crimes não têm perdão e o criminoso deve ser executado.

A falta de atividades pedagógicas, que mantenham esses meninos ocupados também é um fator que facilita essas mortes.

É necessário separar os que estão ameaçados. O menino que cometeu um crime deve ser internado com outro com o mesmo porte físico, com mesmo delito e idade e isso é desrespeitado.

– A senhora acredita que menores teriam a fuga facilitada para cometer outros crimes?

– Há interesses de grupos, que ninguém até hoje disse de quem, que querem que eles saiam da cadeia e cometam outros crimes. Mas até hoje ninguém apontou de quem é a culpa.

Também não houve interesse das autoridades competentes de apurar isso a fundo e se houve não foi noticiado.

– Na sua opinião a Unis e a Unip são escolas para bandidos?

– Sem dúvida nenhuma. Da última vez que eu fui lá, entrou um menino que tinha tentado roubar um celular. Ele entrou chorando e algemado. E o monitor disse que trabalha há 25 anos e que viu muitos entrarem chorando e saírem bandidos.

Há um projeto do governo estadual de acompanhar as famílias, pois elas não têm como ajudar o filho e nem como se ajudar.

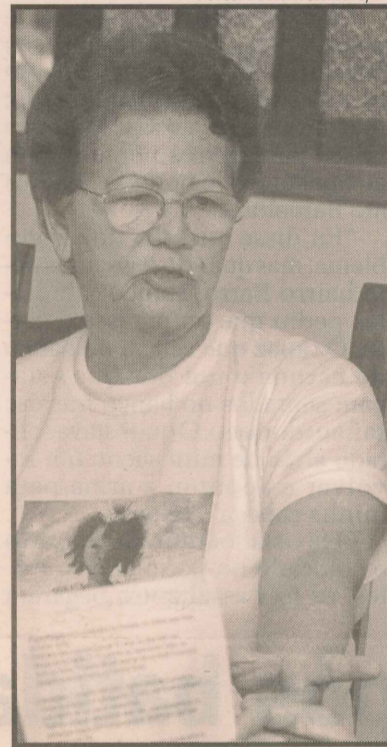
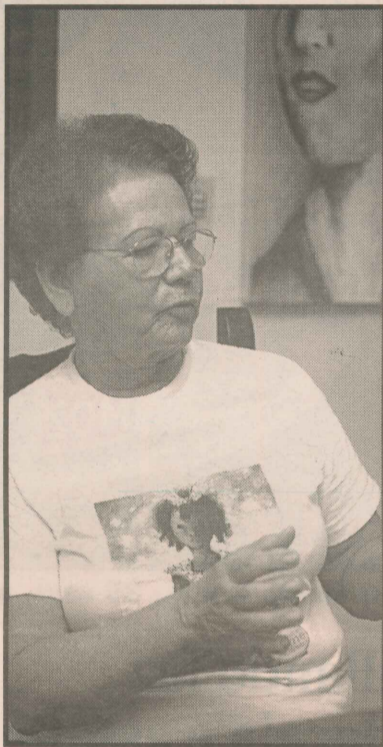
Tem mãe que não quer saber mais do filho porque não sabe mais o que fazer. E as crianças, que se sentem abandonadas, vão recorrer ao grupo que as colocou lá, os traficantes que vão acolhê-las.

408564
menor

CARLITA COZENDEY Coordenadora do Cedejac

Escola do crime para crianças e adolescentes

“Da última vez que eu fui lá (Unis), entrou um menino que tinha tentado roubar um celular. Ele entrou chorando e algemado. E o monitor disse que trabalha lá há 25 anos e que viu muitos entrarem chorando e saírem bandidos”



FOTOS: MARISA KISSIMOTO/AT

Centro tem 13 anos de ação

O Centro de Defesa da Criança e do Adolescente nasceu em 1991 e um ano depois passou a ter o nome do menor Jean Alves da Cunha, executado após denunciar policiais militares envolvidos em grupos de extermínio de menores de rua.

A partir desse fato, o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente passou a ter o nome do menor Jean Alves da Cunha (Cedejac).

Foi o desejo de mudar a situação das crianças de rua que levou Carlita Cozende da Sil-

va a se tornar presidente do Cedejac.

Carlita ajudou a formar um grupo na comunidade para ir ao encontro dos meninos de rua.

Em 1984 ajudou a organizar a Pastoral do Menor. “Saí da pastoral para o Cedejac mas tenho uma ligação muito forte com o movimento. Foram eles, os próprios meninos, com a presença deles, profética, denunciadora, que me mostraram que alguma coisa precisa mudar na sociedade”.

– Como vê a proposta de diminuição da idade penal para 16 anos?

– Acho que não vai mudar em nada. Alguns políticos que estão lançando campanhas para reduzir a idade penal estão querendo capitalizar votos da população.

A sociedade que não conhece o estatuto e muito menos a realidade desses meninos é a favor da redução. Acredita que a lei foi criada para proteger bandido. Ninguém sabe que o que está disposto ali são políticas de proteção.

– Por trás das mortes de menores infratores há envolvimento de policiais? Há torturas nas unidades?

– Existe muita violência de

policiais contra os meninos. Eu já respondi a processos por denunciar torturas cometidas por policiais.

Temos um Programa de Proteção à Testemunha, daqui e de outros estados, desde dezembro do ano passado, em parceria com o Governo Federal, para garantir a integridade das crianças ameaçadas.

Porque se a polícia não matar, o traficante mata. Temos policiais muito bons, mas ainda existem aqueles que envergonham a corporação.

– Por trás dos motivos apresentados pelos internos para matarem os companheiros há outros, como queima de arquivo, por exemplo?

– Não sabemos quem come-

FIQUE POR DENTRO

NÚMERO DE MORTES

Ano	Unis	Unip
2002	4	4
2003	4	3
2004	1	4

NÚMERO DE FUGAS

Ano	Unis	Unip
2002	146	51
2003	102	36
2004	8	0

Fonte: Instituto da Criança e do Adolescente (Icaes)

te isso. E não compete a sociedade civil descobrir e sim a quem é responsável por aquelas unidades. Eu acho que há uma incompetência ou uma lentidão muito grandes e com isso estamos perdendo dos meninos.

– Existe rejeição da sociedade com relação ao menor infrator?

– A sociedade quer que o adolescente morra mesmo. Ela lê com alívio sobre a morte de um menino infrator. A sociedade esquece que o adolescente é uma pessoa que por circunstâncias cometeu um ato infrator.

– Qual a sua avaliação sobre a instalação da Unip dentro da Unis?

– Isso é um absurdo. A lei diz

que os adolescentes devem ser internados, mas quem vai na unidade sabe que aquilo não é internato, é prisão.

O adolescente deve ser atendido o mais próximo possível de sua residência para que tenha contato com sua família. Isso diminuiria o inchaço da unidade e qualificaria o atendimento dado a esses meninos.

– Quais as reais condições de vida dos internos nas unidades?

– A Unip é uma unidade provisória e a Unis é para onde vão os meninos que já foram a julgamento e estão sentenciados. A Unis é menos ruim que a Unip, pois lá existe um acompanhamento pedagógico.

Mas no que se refere aos espaços físicos elas não diferem em nada. Tudo é prisão mesmo com cela e grade. O adolescente é tratado pior do que um preso comum.

– Falta vontade política para mudar?

– Não sei se falta vontade política, mas sei que depois de 14 anos em vigor do Estatuto da Criança e do Adolescente não mudou a relação do adolescente infrator.

Quando um adolescente comete um ato de infração ele perde o direito à liberdade, mas não perde os outros direitos, que muitas vezes são desrespeitados. As unidades devem ter, no máximo, 40 indivíduos por unidade. E a gente tem unidade com mais de 100 internos.

– Por que o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente tem o nome de Jean Alves da Cunha?

– Em 1992, houve a morte do Jean que era um menino de rua que a gente acompanhava.

Ele foi escolhido como delegado do Espírito Santo para ir a Brasília participar de um encontro, que discutiu a situação do menor de rua no País.

Durante um encontro de preparação na Ufes ele denunciou alguns policiais envolvidos em assassinato de meninos de rua e pouco antes dele partir para Brasília, foi morto com um tiro na cabeça.

Alí 15 policiais militares foram acusados de envolvimento no crime. Um morreu e 14 foram absolvidos.

Em virtude disso houve uma grande manifestação da sociedade capixaba, que teve repercussão internacional, com participação até da Anistia Internacional.

Então resolvemos mudar o nome da entidade, que agora se chama Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Jean Alves da Cunha (Cedejac).

– As famílias de menores apoiam esse trabalho?

– Para que possamos atuar precisamos ter o apoio das famílias. Temos uma diretoria e algumas pessoas que acompanham essas visitas.

Nós procuramos as famílias e oferecemos ajuda. Acreditamos que é necessário uma reformulação na idéia de recuperação de adolescentes que cometem crimes.

Temos uma lei, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas o sistema não acompanhou essa mudança.